



Hieróglifos e Aulas de História: Uma Análise da Escrita Egípcia Antiga em Livros Paradidáticos¹

Liliane Cristina Coelho²

RESUMO: Quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, a escrita hieroglífica não mais foi empregada, e desde este momento ela vem encantando aqueles que se interessam pela cultura egípcia. A partir de sua decifração por Champollion o reconhecimento desta escrita não somente permitiu o desenvolvimento da egiptologia, mas também assegurou sua adoção nos livros didáticos, no que concerne ao Egito Antigo. Assim, propusemos uma pesquisa, cujos objetivos principais são o reconhecimento e a avaliação do modo pelo qual as informações ligadas à escrita do Egito faraônico são transmitidas aos alunos de onze a dezessete anos, por meio destas obras. Para atingir estes objetivos, vinte e dois livros foram analisados: seis nacionais e dezesseis estrangeiros, que foram traduzidos para o português. Entre eles, há uma publicação nacional que pode ser considerada literatura infanto-juvenil. Os resultados obtidos foram colocados em uma tabela e separados em categorias, de acordo com o assunto analisado.

Palavras-Chave: Egito Antigo; Escrita Hieroglífica; Livros Paradidáticos.

RESUME:

Quand le christianisme est devenu la religion officielle de l'Empire Romain, l'écriture des hiéroglyphes n'a plus été employée, et depuis ce moment elle enchante ceux qui s'intéressent à la culture égyptienne. À partir de son déchiffrement par Champollion la reconnaissance de cette écriture non seulement a permis le développement de l'Égyptologie, mais aussi a assuré son adoption dans les livres didactiques, en ce qui concerne l'Égypte Ancienne. Ainsi nous avons proposé une recherche, dont les objectifs principales sont la reconnaissance et l'évaluation de la façon laquelle les informations liées à l'écriture de l'Égypte Pharaonique sont transmises aux élèves de

¹ O estudo aqui apresentado foi desenvolvido como parte do programa de Iniciação Científica, relacionado ao Projeto de Pesquisa "Egiptomania no Brasil: séculos XIX e XX – Paraná", entre os meses de maio e novembro de 2005. Foi apresentado primeiramente na forma de um painel no III Seminário de Pesquisa e III Seminário de Iniciação Científica da UNIANDRADE, em novembro de 2005.

² Mestre e doutoranda em História Antiga pelo PPGH-UFF, sob orientação do Prof. Dr. Ciro Flamarion Santana Cardoso. Membro do Grupo de Estudos Egiptológicos Maat e do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade da UFF. Professora do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval das Faculdades Itecne, Curitiba – PR e Professora do Curso de Graduação em História da Uniandrade - Curitiba - PR. E-mail: lilianemeryt@hotmail.com



onze à dix-sept ans, à travers ces oeuvres. Pour atteindre ce but, vingt deux livres ont été analysés: six nationales et seize étrangers qui ont été traduits au portugais. Parmi eux, il y a une publication nationale qui peut être considérée littérature pour la jeunesse. Les résultats obtenus ont été mis dans un tableau et séparés en catégories selon le sujet analysé.

Mots-Cles: Égypte Ancienne; Écriture des hiéroglyphes; livres d'appui didactique.

Introdução

A escrita egípcia antiga fascina a humanidade desde a Antiguidade, seja pela sua beleza ou pela dificuldade em decifrá-la. A expressão *ta hieroglyphica* tem origem grega, significando “as (letras) sagradas esculpidas”, de onde vêm “hieroglífica” e “hieróglifos” (MCDERMOTT, 2001: 12). Para os egípcios, a escrita era uma invenção de Toth, deus da sabedoria, que decidiu ensiná-la aos homens contrariando uma ordem do deus Ra. O nome dado por eles à sua escrita era *medju netjer*, ou literalmente, “palavras dos deuses” (GARDINER, 1988: 1).

O desenvolvimento da escrita egípcia pode ser separado em cinco estágios, de acordo com a análise de documentos datados, produzidos ao longo dos 3.000 anos da História dessa sociedade (GARDINER, 1988: 5). O primeiro estágio, chamado de Egípcio Antigo (c. 3000-2140 a.C.), corresponde à forma escrita desde o seu surgimento, no final do IV milênio a.C., na fase anterior à unificação, até a VI dinastia. Os textos desta época aparecem na forma de legendas, escritas sobre artefatos variados. Documentos com textos mais longos surgiram na V Dinastia, destacando-se nessa fase os Textos das Pirâmides (GARDINER, 1988: 5).

O próximo estágio, o Médio Egípcio (c. 2140 - 1360 a.C.), corresponde à forma escrita utilizada do Primeiro Período Intermediário até meados da XVIII Dinastia. Esta fase também é conhecida como “Egípcio Clássico”, e foi empregada até o final da história egípcia na antiguidade. Os documentos produzidos em Médio Egípcio são variados, incluindo os de natureza religiosa, legal e textos literários (GARDINER, 1988: 5). Por ter sido a forma mais utilizada para a escrita, e cuja gramática é mais bem



conhecida, normalmente é o primeiro estágio estudado em cursos de escrita egípcia antiga no Brasil.

Os últimos três estágios são: o Egípcio Tardio (de meados do século XIV até 700 a.C.), que era a forma escrita utilizada desde o Reino Novo – a partir do reinado do faraó Akhenaton – até o Terceiro Período Intermediário; o Demótico (c. 700 a.C. – 300 d.C.), que era a “língua popular”, empregada em textos relacionados ao cotidiano, bem como comerciais e jurídicos; e o Copta (do século III d.C. em diante), último estágio da língua, cuja estrutura vocálica é conhecida, sendo ainda utilizada na igreja Copta (GARDINER, 1988: 5). Com o advento do cristianismo, no século IV d.C., o sistema egípcio de escrita, considerado pagão, caiu em completo desuso.

O último texto hieroglífico escrito na Antiguidade foi gravado num dos templos da ilha de Philae, em 394 d.C. (DODSON, 2003: 90). A língua e a escrita cópticas, porém, foram preservadas, pois eram utilizadas pelos descendentes cristãos dos antigos egípcios, na liturgia. Isso tornou possível que o padre Athanasius Kircher identificasse a língua e a escrita cópticas como remanescentes das antigas grafias e falares egípcios. Ele publicou, no ano de 1643, um dicionário e uma gramática do copta, que foram úteis, posteriormente, para a decifração dos hieróglifos (BAKOS, 1996: 27).

Mas foi a expedição de Napoleão ao Egito, em 1799, que fez a mais importante descoberta para a decifração desses símbolos: a “Pedra de Roseta” (LENDO o passado, 1996: 154). A “pedra”, na realidade uma estela comemorativa, contém um texto cujo conteúdo é um decreto dos sacerdotes de Mênfis em honra ao faraó Ptolomeu V Epifânio, gravado em três formas de escrita: Hieroglífica, Demótica e Grega. A importância deste documento está na possibilidade de que a escrita grega poderia ser comparada com a egípcia, fato que impulsionou a pesquisa de inúmeros estudiosos europeus da época (LENDO o passado, 1996: 154). Quem completou o processo de decifração, no entanto, foi o francês Jean-François Champollion, que anunciou a sua descoberta em 29 de setembro de 1822 (ALLEN, 2001: 9). Em 1824 Champollion



publicou uma obra (*Précis du système hiéroglyphique*), onde o sistema da língua foi exposto (LENDON o passado, 1996: 163).

A descoberta de Champollion possibilitou a criação de uma nova ciência: a Egiptologia (ALLEN, 2001: 9). Depois dele, muitos outros filólogos e egiptólogos debruçaram-se sobre as inscrições egípcias, e assim foi possível escrever a história dessa sociedade a partir de fontes produzidas por ela mesma. O fascínio pela língua egípcia continuou, e atualmente existem várias obras que discorrem sobre esse tema. Entre elas, algumas de cunho didático, e que são utilizadas por professores de ensino médio e fundamental, nas aulas de história.

Assim, ao verificar que vários livros paradidáticos relacionados ao antigo Egito mostram capítulos ou partes dedicadas a explicações sobre os hieróglifos, criou-se um projeto de investigação que teve como objetivo principal o reconhecimento e a avaliação de como as informações relacionadas à escrita egípcia antiga são transmitidas aos estudantes de ensino médio e fundamental.

A Estrutura da Escrita Egípcia Antiga

Antes de iniciarmos o estudo propriamente dito, foi necessário um conhecimento prévio da estrutura da escrita egípcia antiga, o que foi possível por meio de um curso de extensão sobre o Médio Egípcio ministrado pelo professor Moacir Elias Santos, entre os meses de junho e novembro de 2005, nas dependências da UNIANDRADE, em Curitiba.

A escrita egípcia é formada por um grande número de sinais, que no estágio conhecido como Médio Egípcio inclui aproximadamente 700 hieróglifos (ZAUZICH, 2004: 1). Esses podem ser classificados a partir de quatro tipos de sinais (pictográficos, ideográficos, fonéticos e determinativos), cada um com um valor gramatical diferente (MENU, 1989: 12-5).

Os sinais pictográficos foram os primeiros utilizados pelos egípcios. São signos-objeto, que representam uma ideia, um objeto ou um ser (MENU, 1989: 12). Por exemplo, o desenho de um braço significa literalmente “braço”, assim como a imagem



da planta baixa de uma casa significa “casa”. Já os sinais ideográficos, diferentemente dos pictográficos, não tratam do próprio objeto, mas da ideia representada por eles (MENU, 1989: 13). Assim, a imagem de um homem com a mão na boca representa várias ações, tais como “comer”, “falar” e “ter sede”. Essa divisão, no entanto, é apresentada apenas por alguns autores, como a egiptóloga francesa Bernadete Menu (MENU, 1989: 12-5). Outros não fazem distinção entre pictogramas e ideogramas, como é o caso da egiptóloga escandinava Gertie Englund (ENGLUND, 1995, VIII-IX).

Os sinais fonéticos são figuras que correspondem a sons específicos. São divididos em: uniliterais ou uniconsonantais (apenas uma letra); biliterais ou biconsonantais (duas letras); e trilaterais ou triconsonantais (três letras) (GARDINER, 1988: 25). Os sinais uniliterais são os mais simples da língua, e a partir deles criou-se o pseudo-alfabeto, onde se encontram os símbolos correspondentes às consoantes e semivogais do nosso alfabeto (GARDINER, 1988: 26-7).

Por último, existem os determinativos. Estes são sinais hieróglifos que não possuem valor fonético, aparecendo ao final das palavras com a finalidade de indicar seu real significado. Tais sinais são muito importantes para a escrita egípcia, pois é por meio deles que sabemos onde termina uma palavra, já que nessa escrita não existem marcas para a pontuação (GARDINER, 1988: 31-3). Também são importantes para diferenciar palavras que são escritas de maneira semelhante. Por exemplo, as palavras “escriba” e “escrita” são escritas com o mesmo sinal hieroglífico, que representa os instrumentos utilizados para a escrita. A diferenciação é feita pelo determinativo, que no caso de “escriba” é um homem, e no caso de “escrita” é um papiro selado.

Existem, ainda, algumas particularidades em relação à escrita que merecem ser enunciadas, pois aparecem em algumas das publicações analisadas. Uma delas é em relação aos chamados complementos fonéticos, ou seja, sinais fonéticos que seguem as palavras formadas por signos bi ou triconsonantais, com a função de enfatizar o som ou preencher espaços. Os complementos fonéticos, contudo, não são lidos, cumprindo apenas as funções descritas acima (GARDINER, 1988: 38). A função de preencher espaços está diretamente relacionada à outra característica da escrita, qual seja, a da



organização harmoniosa dos signos hieroglíficos em quadrados imaginários. Nessa disposição, alguns sinais ficam sobrepostos, sendo a sua leitura realizada de cima para baixo (ENGLUND, 1995: X).

Outra particularidade da escrita egípcia está relacionada à direção de escrita e leitura (GARDINER, 1988, 25). Enquanto as escritas ocidentais geralmente são lidas e escritas da esquerda para a direita, a escrita egípcia antiga pode aparecer em quatro direções diferentes: da esquerda para a direita; da direita para a esquerda; de cima para baixo com a leitura a partir da esquerda; e de cima para baixo com a leitura a partir da direita. Tais direções são determinadas pelas figuras animadas que aparecem no texto. Tais figuras sempre estão voltadas para o início da frase (MENU, 1989: 15).

Na sociedade egípcia, porém, poucos sabiam ler e escrever os sinais hieroglíficos. Essa era uma função geralmente exercida por alguém muito prestigiado, que ostentava o título de escriba. A formação do escriba era difícil e demorada, até o completo domínio da língua, mas era necessária para a manutenção do Estado egípcio. O aprendizado também era cansativo, e os professores não se continham se fosse preciso castigar fisicamente um aluno. Num relato datado provavelmente da XII Dinastia, a Sátira das Profissões, um pai que conduz o filho para a escola de escribas descreve as diferentes profissões. Sobre a do escriba, diz:

Eis que não há profissão sem chefe, exceto a do escriba: ele é o chefe. Por isso, se souberes escrever, esta será para ti melhor que as outras profissões que te descrevi em sua desdita. Atenta para isso, não se pode chamar um camponês de ser humano. Em verdade eu te fiz ir para a Residência, em verdade fiz isso por amor a ti, (pois) um dia (que seja) na escola, será proveitoso para ti. Suas obras duram como as montanhas... (ARAÚJO, 2000: 222-223)

Percebe-se, assim, por esse pequeno trecho, o quanto era valorizada a profissão do escriba em tempos faraônicos.

Os egípcios costumavam escrever em quase tudo que construía, desde paredes, portas e colunas de tumbas e templos, a objetos de uso cotidiano. Os escribas



aprendizes utilizavam-se geralmente de lascas de calcário ou fragmentos de cerâmica, chamados pelos gregos de “ostraca”, ou de tábulas de madeira em suas tarefas, por serem materiais mais baratos que o papiro. Este era um material caro, destinado apenas àqueles que já possuíam a experiência e conhecimentos necessários (LUCAS & HARRIS, 1999: 364).

O processo de produção do papiro aparece com freqüência nos livros analisados. Esse constava, primeiramente, da coleta do *Cyperus papyrus*, encontrado em abundância nas regiões pantanosas do vale do Nilo. Em seguida, o caule da planta era descascado, e o miolo era cortado em fatias finas. As tiras eram deixadas de molho em água por alguns dias, para a dissolução do amido. Depois de retirada a água, as tiras eram dispostas lado a lado, em camadas organizadas em forma de cruz. As camadas eram prensadas e, depois de unidas, as faces eram polidas e as bordas aparadas (LUCAS & HARRIS, 1999: 138-9).

Os pincéis utilizados eram produzidos a partir do *Juncus maritimus*, uma planta que crescia naturalmente no Egito (LUCAS & HARRIS, 1999: 365). As extremidades do junco eram cortadas e preparadas de diferentes maneiras: um dos lados era seccionado na diagonal, enquanto o outro era esfacelado. Essa diferenciação produzia uma ponta fina, para traços mais delgados, enquanto a outra se destinava a traços mais espessos. No Período Greco-Romano foi utilizado o junco *Phragmites communis* para o mesmo fim (LUCAS & HARRIS, 1999: 365).

Para a escrita em papiros, o destaque gráfico das palavras era feito com tinta vermelha, obtida do ocre. A cor mais utilizada, contudo, era o preto, que tinha como origem o carvão (LUCAS & HARRIS, 1999: 363). Para a produção da tinta, o ocre ou o carvão eram moídos em um pequeno almofariz, e depois eram misturados a uma espécie de goma. Essa mistura era colocada em locais específicos nas paletas, e ali ficavam até a secagem completa. Para a utilização, primeiramente o pincel era colocado na água e depois passado sobre a tinta seca, como numa espécie de aquarela (LUCAS & HARRIS, 1999: 362). Caso errasse uma inscrição o escriba poderia tentar



consertar com a própria língua, com um pequeno pedaço de pedra calcária, ou com um pano úmido (LUCAS & HARRIS, 1999: 365).

As informações aqui expostas foram utilizadas como base para a posterior análise dos livros paradidáticos e de literatura infanto-juvenil. Consideramos importante o seu conhecimento, por parte do leitor, para que os dados expostos a seguir e as críticas feitas em relação às publicações sejam melhor compreendidas. Outrossim, para que os professores que adotarem as obras possam utilizá-las da maneira correta, apontando, inclusive, os desacertos existentes aos seus alunos.

O Estudo

Em nosso estudo localizamos trinta e sete livros paradidáticos e de literatura infanto-juvenil, disponíveis em língua portuguesa, com assuntos relacionados ao antigo Egito. Desses, vinte e dois foram selecionados, por conterem capítulos ou pequenas informações sobre a escrita egípcia antiga. Respectivamente: seis publicações nacionais, entre elas uma de literatura infanto-juvenil; e dezesseis estrangeiras, traduzidas para o português.

Como metodologia foi empreendida uma análise dos conteúdos referentes à escrita nesses livros, por meio de conhecimentos prévios sobre a língua egípcia antiga e sua decifração. A base para a análise do pseudo-alfabeto apresentado nessa bibliografia foi a tabela de sinais do pseudo-alfabeto de Alan Gardiner, apresentada em sua gramática de Médio Egípcio (GARDINER, 1988, 27).

Verificou-se que, entre os erros mais frequentes, está a colocação incorreta dos sinais uniconsonantais mais simples da língua, o pseudo-alfabeto, seja por seu valor fonético ou pelo que representam. Tais desacertos foram encontrados em nove exemplares analisados, e o fato desses erros serem recorrentes mostra uma situação que requer certa atenção. Na figura 1 são mostrados alguns exemplos, com os respectivos sinais corretos:

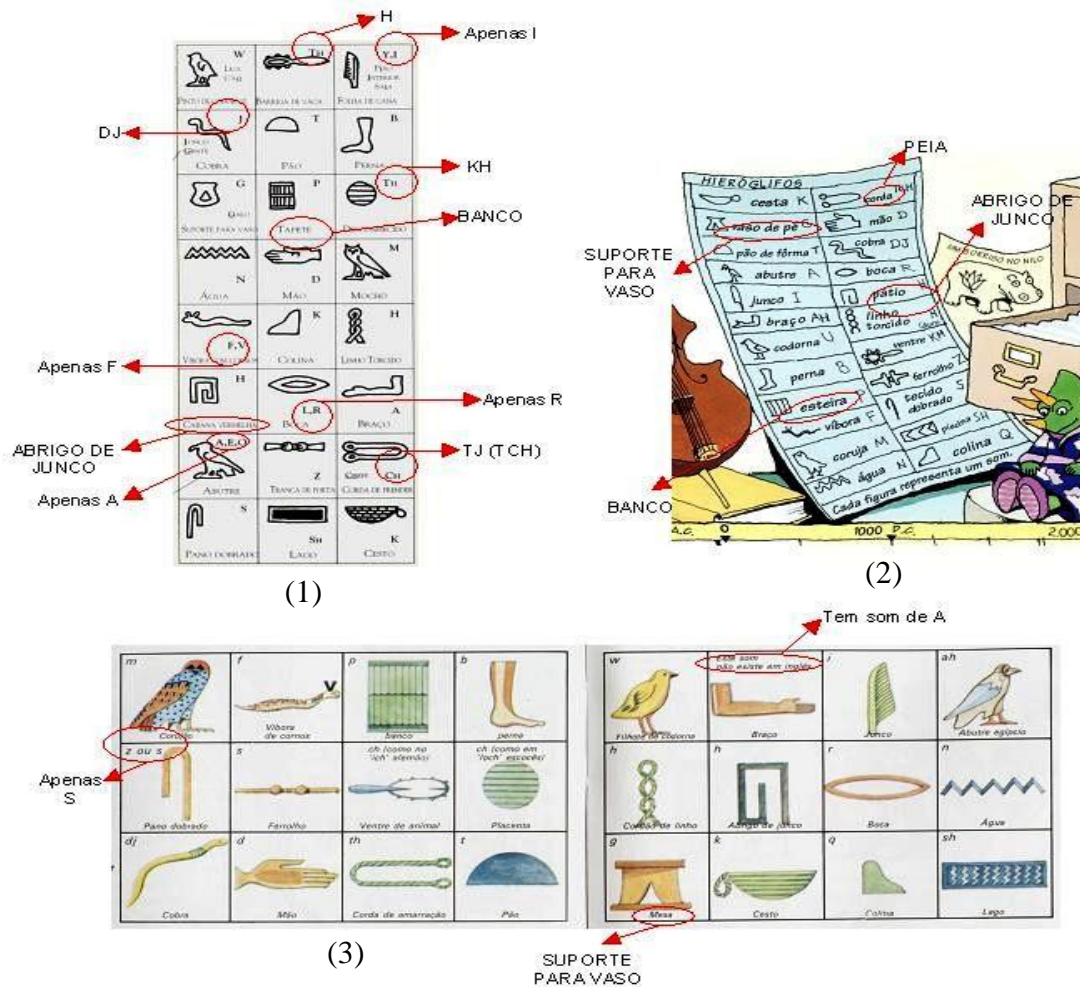


Figura 1 – Erros comuns e recorrentes relacionados ao pseudo-alfabeto egípcio. Referências: (1) STEEDMAN, S. *Antigo Egípto*. Lisboa: Texto Editora, 1998. p. 148. (2) COLE, J.; DEGEN, B. *As Aventuras da Dona Friz: Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Página de apresentação. (3) MILLARD, A. *Os Egípcios*. São Paulo: Melhoramentos, s/d. p. 36.

Ainda em relação ao pseudo-alfabeto, o encarte pertencente ao kit “Ação e Aventura: Pirâmides”, cujo consultor foi James Putnam, merece um comentário especial. Na contracapa do encarte referente à história do Egito antigo existe um “alfabeto egípcio moderno”, que não é o mesmo pseudo-alfabeto encontrado nas outras obras. Nele, os símbolos são colocados com traduções aleatórias, que não condizem com a escrita egípcia original. Isso é informado aos leitores, mas pode causar confusão, pois a informação está em letras pequenas, e pode não ser percebida por aquele que utiliza a obra.



Grande parte dos livros apresenta informações sobre as três formas da escrita egípcia – a hieroglífica, a hierática e a demótica – e dados sobre as direções de leitura e escrita. Apenas um deles, “Os Antigos Egípcios”, de Anita Ganeri, contudo, mostra um esquema de leitura semelhante ao apresentado por Alan Gardiner, conforme mostrado na figura 2.



Figura 2 – As direções de escrita e leitura no egípcio antigo. Referência: GANERI, A. *Os Antigos Egípcios*. São Paulo: Abril Jovem, 1995. p. 13.

O mesmo livro, porém, comete um equívoco em relação à data em que ocorre a última utilização dos hieróglifos. Enquanto o livro informa 394 a.C., a data correta é 394 d.C.. Em relação ao número de letras que cada símbolo hieroglífico pode representar, a mesma obra apresenta outra falha: informa que cada símbolo pode representar até cinco letras, enquanto na realidade são empregados até três.

A autora Fiona MacDonald, no livro “Egípcios Antigos”, informa que eram necessários diversos hieróglifos para escrever uma palavra. No entanto, essa informação nem sempre é verdadeira: a palavra “boca”, por exemplo, escreve-se apenas com o hieróglifo que representa “boca”, seguida por um traço vertical embaixo. Ainda em relação aos sinais, John Guy, no livro “Os Egípcios: vida cotidiana”, informa que eles representam apenas ideias, e não palavras. Tal informação é falsa, pois, conforme comentado anteriormente, os hieróglifos poderiam representar ideias, ou mesmo letras e palavras completas.



Deve-se destacar o livro “O Egito Antigo”, de Robert Nicholson e Claire Watts. Inovando, ele apresenta palavras na língua egípcia antiga, grafadas de forma correta. Apenas a palavra “falcão” está incompleta: falta-lhe o sinal determinativo, conforme pode ser visualizado na figura 3.



Figura 3 – Palavras em língua egípcia. Referência: NICHOLSON, R.; WATTS, C. *O Egito Antigo*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 17.

Os sinais determinativos são mostrados de uma maneira muito interessante no livro “Oficinas de História”, de Keila Grinberg, Ana Maria Nascia Lagoa e Lúcia Grinberg. As autoras apresentam uma tabela com os chamados “determinativos genéricos”, catalogados por Alan Gardiner em sua gramática (GARDINER, 1988, 31-3). A única falha em relação à tabela oferecida é o uso de expressões como “ideias semelhantes” ou “as mesmas ideias” sem a referência a que ideias estão sendo tratadas.

Também foi verificado que poucos livros trazem informações sobre outros suportes para a escrita, como as ostraca (fragmentos de cerâmica ou lascas de calcário). A maioria apenas menciona o papiro, mostrando, inclusive, o seu processo de confecção, como o de Fiona MacDonald, cujo processo figurativo pode ser visto na figura 4:

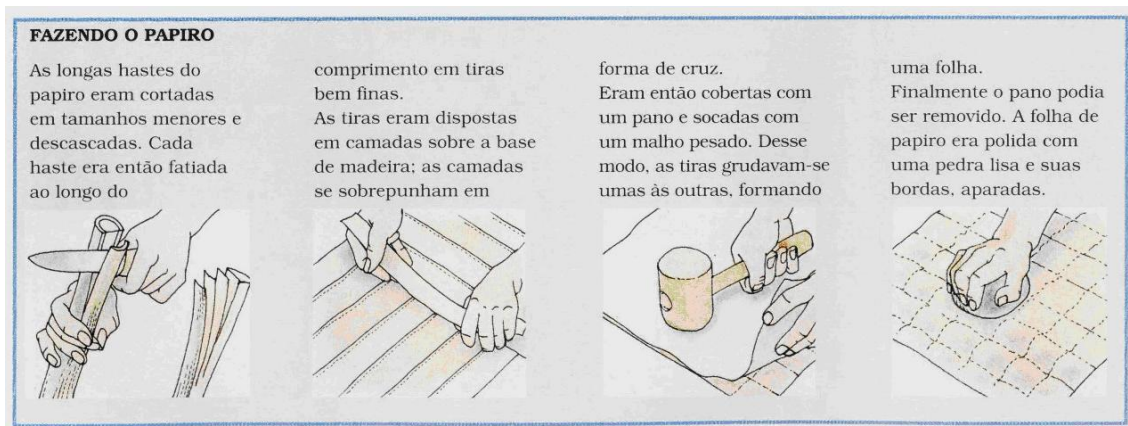


Figura 4 – O processo de fabricação do papiro. Referência: MACDONALD, F. *Egípcios Antigos*. São Paulo; Moderna, 1996. p.36.

O livro “Espantosos Egípcios”, de Terry Deary e Peter Hepplewhite, inova em relação aos materiais utilizados pelo escriba. Apesar de citar como suporte apenas o papiro, o livro traz informações sobre os pincéis e tintas utilizados. Tal conteúdo está correto e colocado de maneira clara, com comparações a materiais atuais, como a caneta e a aquarela. Outro dado interessante apresentado pelos autores é a origem grega da palavra hieróglifos, por meio dos termos gregos: *hieros* (sagrado) e *gluphe* (entalhar). Essa informação apresenta apenas um erro: no lugar de hieros, no livro aparece a grafia heiros. Isto pode ter ocorrido em função de um erro de digitação.

A decifração dos hieróglifos está presente em dez livros analisados. Os passos de Jean-François Champollion para tal descoberta, no entanto, são apresentados em apenas dois livros. Um deles, “Egito: terra dos faraós”, de Olavo Leonel Ferreira, cita o padre Athanasius Kircher, mas a obra atribuída ao pesquisador está incorreta: ele publicou um dicionário de **copta**, e não de **hieróglifos**, como informa a obra. No outro, de Scott Steedman, “Antigo Egito”, é citado o pesquisador Thomas Young, que também esteve envolvido com a decifração da língua egípcia, e ainda mostra a sua relação com a descoberta de Champollion.

O livro de Deary e Hepplewhite exclui totalmente a participação de outros pesquisadores, e também diminui razoavelmente os conhecimentos de Champollion, quando afirma que foi o seu conhecimento do grego que o ajudou na decifração dos



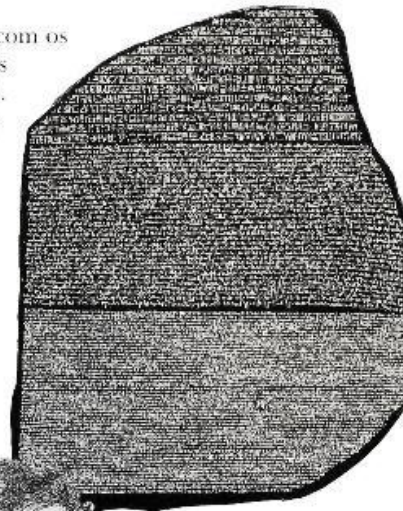
hieróglifos. Champollion, além do grego, conhecia outras línguas antigas, sendo que seu conhecimento de copta é que foi essencial para a decifração. Outro livro que exclui os outros estudiosos é a “Larousse Jovem do Egito”, que atribui a descoberta do francês J. J. Barthélemy, de que os cartuchos continham nomes de reis, a Champollion. Tal suposição já fora levantada por Barthélemy em 1762, antes da descoberta da Pedra de Roseta.

A PEDRA DE ROSETA

Os viajantes ficavam fascinados com os estranhos caracteres inscritos nas paredes dos túmulos ou templos. Como o segredo dos hieróglifos foi sepultado com os últimos egípcios da Antiguidade, ninguém sabia seu significado. Apenas no século XIX a escrita hieroglífica foi afinal decifrada por um jovem francês, Jean-François Champollion. O feito foi conseguido após a descoberta, em 1799, no Egito, da Pedra de Roseta.

Jean-François Champollion

Champollion estava decidido a decifrar a antiga língua egípcia. Trabalhou durante 14 anos sobre uma cópia da Pedra de Roseta antes de realizar sua espantosa façanha, em 1822.



Três textos

A pedra traz três inscrições: hieroglífica, demótica e grega. Todas elas têm o mesmo significado.



Figura 5 – Champollion e a Pedra de Roseta. Referência: PUTNAM, J. *Ação e Aventura: Pirâmides*. São Paulo: Globo, 1996. p.15.

Com relação ao famoso artefato foram encontrados também alguns equívocos. Por exemplo, nos livros “O Egito dos Faraós e Sacerdotes”, de Raquel Funari, e “Larousse Jovem do Egito”, nos é informado que as três formas de escrita presentes no monumento são a hieroglífica, a **hierática** e a grega. O correto, no entanto, é: hieroglífica, **demótica** e grega. Em relação às formas de escrita encontradas na pedra,



o erro que mais chamou a atenção foi o cometido pelos autores do livro “Espantosos Egípcios” e “O Mais Belo Livro das Pirâmides”, que apresentam apenas as escritas grega e hieroglífica como constantes na pedra. A figura 5, mostrada anteriormente, apresenta uma das formas como a Pedra de Roseta é apresentada aos estudantes.

O texto contido na pedra é citado em duas publicações, sendo uma delas a obra já mencionada de Anita Ganeri. Tal livro informa que a inscrição sobre a pedra trata-se de um relato sobre a coroação de Ptolomeu V, mas, na verdade, o texto é um decreto dos sacerdotes de Mênfis em honra ao faraó Ptolomeu V Epifânio. A outra publicação afirma apenas tratar-se de um decreto de Ptolomeu V.

Considerações Finais

Com esse breve estudo pôde-se verificar que os livros paradidáticos atualmente disponíveis sobre o antigo Egito, no que diz respeito à escrita, devem ser submetidos a uma análise detalhada antes de serem utilizados como apoio didático em escolas e por professores dos ensinos médio e fundamental.

A análise que realizamos em vinte e dois livros nos chamou a atenção para uma constatação: a repetição dos erros encontrados. Entre eles, o mais frequente é a colocação incorreta dos sinais do pseudo-alfabeto, seja pela sua tradução ou pelo que representam. Neste ponto, o engano mais comum é se colocar o sinal representativo da letra “S” significando ao mesmo tempo “S” e “Z”. Já quando se trata do que representam as figuras, espanta-nos a quantidade de traduções incorretas para o sinal que é associado a “abrigo de junco”. Entre os encontrados, temos “cabana vermelha” e “pátio”. Outro equívoco é a utilização de regionalismos para a significação dos símbolos, como usar a palavra “pintainho” no lugar de “codorniz”. Tal forma de utilização pode levar a problemas de interpretação por parte de estudantes que não estão habituados a tais regionalismos.

A maioria das publicações omite a existência de outros suportes para a escrita, que não o papiro e as paredes dos monumentos. Em relação ao papiro, alguns livros trazem inclusive seu processo de fabricação e a forma de utilização de tintas e pincéis



com o fim específico de se escrever sobre este material. Nesse caso, os professores devem levar em consideração os outros suportes utilizados para a escrita pelos egípcios, e mesmo as outras formas de uso dos materiais de apoio para a escrita.

Quanto à decifração dos hieróglifos, parte da bibliografia analisada apresenta Champollion, mas não faz referência aos seus passos para a decifração da escrita. Raras são as publicações que citam outros estudiosos, anteriores ou posteriores a Champollion, que participaram desse processo. E também não se encontram, entre os livros analisados, citações sobre outras línguas antigas conhecidas por Champollion que o ajudaram no processo de decifração, que não o grego.

O conteúdo do texto presente na pedra de Roseta também merece análise detalhada por parte dos professores. Um primeiro erro verificado foi em relação às três formas de escrita encontradas sobre a pedra, que aparecem em duas obras como “hieroglífica, hierática e grega”, sendo o correto “hieroglífica, demótica e grega”. Um segundo equívoco foi sobre o conteúdo do texto gravado sobre o monumento. O nome de Ptolomeu V é corretamente citado, mas o assunto do texto apresenta alguns equívocos: trata-se de um decreto sacerdotal em honra ao faraó, e não de um decreto do próprio faraó.

Para que os professores possam transmitir tais conhecimentos de maneira mais abrangente e segura, existe no Brasil bibliografia especializada, e disponível em língua portuguesa³. Tal avaliação, pelo que é demonstrado na análise aqui apresentada, é indispensável para uma transmissão dos conteúdos sobre a escrita egípcia antiga, que é cercada pelo misticismo relacionado ao País dos Faraós.

Se não existir a preocupação da avaliação de conteúdo, há uma grande possibilidade de que o uso recorrente de obras que trazem informações incorretas transforme os desacertos em acertos e, assim, possam prejudicar a qualidade daquilo que é transmitido aos discentes. Igualmente, é importante que o professor procure,

³ Ver, por exemplo: LENDO o Passado: a história da escrita antiga do cuneiforme ao alfabeto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996; BAKOS, M. *O que são Hieróglifos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.



sempre que possível, bibliografia especializada sobre o assunto que será tratado em sala de aula, pois isso poderia evitar que determinados erros, como os que mostramos ao longo desse trabalho, passassem despercebidos e, conseqüentemente, fossem tomados como uma verdade irrestrita.

Referências

Obras de referência:

ALLEN, J. P. *Middle Egyptian: an introduction to the language and culture of hieroglyphs*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ARAÚJO, E. *Escrito para a Eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BAKOS, M. *O que são Hieróglifos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DODSON, A. *The hieroglyphs of ancient Egypt*. London: New Holland, 2003.

ENGLUND, G. *Middle Egyptian: an introduction*. Uppsala: University Press, 1995.

FAULKNER, R. O. *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*. Oxford: Griffith Institute, 2002.

GARDINER, A. *Egyptian Grammar: being an introduction to the study of hieroglyphs*. Oxford: Griffith Institute, 1988.

LENDO o Passado: a história da escrita antiga do cuneiforme ao alfabeto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.

LUCAS, A. & HARRIS, J. R. *Ancient Egyptian Materials and Industries*. New York: Dover Publications, 1999.

MCDERMOTT, B. *Decoding Egyptian Hieroglyphs: how to read the secret language of the pharaohs*. San Francisco: Chronicle Books, 2001.

MENU, B. *Petite Grammaire de l'Égyptien Hieroglyphique a l'Usage des Débutants*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner S.A., 1989.

PARKINSON, R. *O Guia dos Hieróglifos Egípcios: como ler e escrever em egípcio antigo*. São Paulo: Madras, 2006.



WILSON, P. *Hieroglyphs: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2003.

ZAUZICH, K.-T. *Discovering Egyptian Hieroglyphs: a practical guide*. London: Thames & Hudson, 2004.

Livros paradidáticos utilizados na análise:

BROIDA, M. *Egito Antigo e Mesopotâmia para Crianças*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CLARE, J. D. *Pirâmides do Antigo Egito*. São Paulo: Manole, 1994.

DEARY, T. & HEPPLWHITE, P. *Espantosos Egípcios*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

DEGEN, B. & COLE, J. *As Aventuras de Dona Friz: antigo Egito*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

FEIJÓ, M. C. *Antigo Egito: o Novo Império*. São Paulo: Ática, s/d.

FERREIRA, O. L. *Egito: terras dos faraós*. São Paulo: Moderna, 1992.

FUNARI, R. S. *O Egito dos Faraós e Sacerdotes*. São Paulo: Atual, 2001.

GANERI, A. *Os Antigos Egípcios*. São Paulo: Abril Jovem, s/d.

GRINBERG, K. et al. *Oficinas de História: projeto curricular de Ciências Sociais e de História*. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

GUY, J. *Egípcios: vida cotidiana*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

KOENIG, V. & AGEORGES, V. *Às Margens do Nilo, os Egípcios*. 3.ed. São Paulo: Augustus, 1998.

LAROUSSE Jovem do Egito. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

MACDONALD, F. *Egípcios Antigos*. São Paulo: Moderna, 1996.

MILLARD, A. *Os Egípcios*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

_____. *O Mais Belo Livro das Pirâmides*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

NICHOLSON, R. & WATTS, C. *O Egito Antigo*. São Paulo: Loyola, 1996.

PUTNAM, J. *Ação e Aventura: pirâmides*. São Paulo: Globo, 1996.

QUESNELL, A. et al. *O Egito: mitos e lendas*. São Paulo: Ática, 1994.

SCHNEIDER, M. E. *O Egito Antigo*. São Paulo: Saraiva, 2001.



SILVA, F. L. e. *O Agito de Pilar no Egito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

STEEDMAN, S. *Antigo Egito*. Lisboa: Texto Editora, 1998.

TIANO, O. *Deuses do Egito*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.